

# MEMÓRIAS DE UM TRABALHADOR MIGRANTE

**Antônio Gervásio<sup>1</sup>**

Desde muito jovem, sem sequer saber o que era liderança, não sabia o que era sindicato, mas sabia que precisava ser respeitado.

Vamos ao início de meus trabalhos.

Desde os cinco eu trabalhava. Essa lembrança é tão frágil e, ao mesmo tempo, tão viva em minha memória.

Lembro-me que meu pai enchia uma cabaça com água e saía para o trabalho com meus dois irmãos mais velhos. Eu, franzino e raquítico, acompanhava para ficar carregando e mudando a cabaça de água de moita em moita. Sempre que o sol batia na cabaça, eu tinha que encontrar uma outra moita com sombra e levar até aquela moita a água, para que a mantivesse o mais possível protegida do sol, era esse o meu trabalho. Com certeza, isso foi determinante para minha formação e caráter, ficou marcado na minha memória, foi meu marco como trabalhador.

E o trabalho nunca mais parou. Quando eu tinha de nove para dez anos, meu pai se mudou para a cidade grande, onde cresci e me tornei adulto. Fiz um pouco de tudo em minha vida.

Ao chegar na cidade, em 1954 ou 55, não sei direito, a primeira coisa que fiz foi uma caixa de engraxate. Depois trabalhei em uma mercearia, por alguns meses e, em seguida, fui com meu pai para a roça onde ele trabalhava. Fiquei pouco tempo. Nunca gostei de trabalho agrícola, apesar de ter nascido na roça e ser filho de agricultor. Todo esse movimento... Eu era analfabeto, nunca tinha ido à escola... Mas tinha uma vontade louca de interagir com as pessoas.

Trabalhei na casa de um prefeito por alguns anos, acredito que até os 14. Foi lá que tive contato com a riqueza e o luxo: casa bonita, diferente de tudo aquilo que eu conhecia, maneiras diferente de viver e falar, roupas diferentes, como eu não podia usar, calçado que não podia comprar (só para ter uma ideia, o primeiro calçado que usei foi quando fui para o exército). Por aí dá para ver e sentir que trabalhador fui eu.

Nessa mesma época, empolgado pelo que presenciava naquela casa, falei com minha mãe, que era analfabeta, mas nunca deixou de achar que os

filhos precisavam estudar. Só que as coisas eram diferentes, escola era um sonho... Todos precisavam trabalhar para ajudar meu pai no sustento da casa. Mesmo com a ajuda de minha mãe, lavando e passando roupas, nós ainda passávamos muita fome; meu pai só vinha em casa de quinze em quinze dias. Na verdade, ganhava tão pouco, mas tão pouco, que muitas vezes quando vinha trazia alguns quilos de feijão e farinha, era o que ganhava. Com toda essa dificuldade, minha mãe determinou que eu ia estudar, isso foi em Janeiro de 1958.

Eu tinha quatorze anos quando pus meus pés na escola pela primeira vez. Comecei com tanto entusiasmo, que a primeira coisa que fiz foi me apaixonar pela professora. Infelizmente ficou só na paixão, e só fiquei quatro meses na escola, de janeiro a abril, quando tive de abandoná-la para acompanhar meu pai e meus irmãos nos trabalhos da estrada de rodagem. Com quatorze anos já era possível matricular-se para trabalhar, claro que o salário não era igual ao dos adultos.

Voltando à escola e a minha paixão, lá consegui aprender ler e escrever, fazer as quatro operações de conta: somar, diminuir, (não era subtrair), multiplicar e dividir. Tudo isso com quatro meses de frequência do primeiro ano de grupo. Com todo esse conhecimento, ganhei o mundo e estou aqui contando essa história, e como ficou minha paixão pela professora que devia ter uns trinta e oito a quarenta anos, não ficou em vão, segue o que restou de minha paixão primeira. *“Professora da escolinha do bairro onde moro, será que você não sabe que é por você que eu choro? Professora, francamente, não preciso estudar; quero um lugar na escola, só pra te ouvir falar. Um estuda a lição, outro estuda a tabuada, eu, já que não sou criança, não preciso estudar nada. Professora, me explique, por favor, o que é que devo fazer pra conquistar o seu AMOR”*. Isso foi o que de mais importante aconteceu na minha vida, com quatorze anos de idade. Essa letra e música não é minha, e tão pouco me lembro de quem é, mas, é um sambinha bem gostoso.

Eu sofria uma enorme pressão para ir trabalhar com meu pai na roça, mas eu era muito ruim de trabalho na roça. Por isso, ninguém me queria. Quando ia, muitas vezes meu trabalho entrava como produção do trabalho de meu pai. E, assim, as coisas foram acontecendo, até que comecei a trabalhar na casa do prefeito. Eu não me lembro se ganhava alguma coisa, mas devia ganhar. Foi de lá que tive de abandonar os estudos e ir com meu pai trabalhar na estrada de rodagem, programa do governo federal, por ter sido seco aquele ano no Nordeste do Brasil. Eu não me lembro quanto ganhava, mas com certeza não era igual aos adultos; no entanto, eu, com quatorze para quinze anos, franzino e raquítico em relação àqueles brutos montes que lá estavam, tinha uma coisa que ninguém esperava: o que eu tinha de ruim na roça não se reproduziu no trabalho braçal de carregar carrinho de terra, eu atrevidamente competia de igual para igual com os adultos. Para minha surpresa, um belo dia meu pai me chamou e me falou: “Gevaso, (era assim que todos me chamavam em casa, não conseguiam pronunciar Gervásio, e, assim como minha mãe, meu pai também era analfabeto, talvez mais feliz que eu), “óia, o Taviano disse que agora você

vai ganhar iguá os home". Era assim que ele sabia falar, o feitor era um velho conhecido e nosso vizinho. Eu fiquei todo cheio, não por que ia ganhar "iguá os home", mas por que o cara reconheceu o meu valor como trabalhador. Coisa que eu não sabia identificar como era esse valor trabalhador.

Vou contar uma passagem da vida de trabalhador. Meus três irmãos, vinte, vinte e três e vinte seis anos, sendo que os dois mais velhos fumavam. Eu, por ter sido reconhecido como um cara que produzia igual "os home", resolvi ser "home" na vida real, ou seja, ser um adulto. Na verdade, era um moleque de quatorze para quinze anos. De quinze em quinze dias, todos os cassacos tinham o direito de ir ao armazém e fazer compras. Eu, simplesmente, comprei um pacote de cigarro Continental e fui para casa, todo orgulhoso com minha façanha de ser home. Resolvi abrir um maço na presença de minha mãe e acender um cigarro. Mãe analfabeta, porém grande educadora e formadora de cidadão, me chamou e perguntou quem tinha autorizado a fumar, respondi: "ninguém". Ela me disse: "ou você joga essa coisa fora ou vai engolir inteiro". Não pensei muito, nem tão pouco reclamei, joguei aquele cigarro fora, dei o resto do pacote a meu irmão mais velho, e nunca mais fumei na vida; na minha cabeça, passava uma coisa, se eu não posso fumar livremente, não vou fumar escondido, e fim.

Assim minha vida foi sendo construída. Com esses quatro meses de primeiro ano do grupo escolar, me joguei no mercado de trabalho. Dos dezesseis aos dezoito anos, fiz de tudo: cavei poço, trabalhei em canavial limpando cana, trabalhei como instalador de fiação elétrica, trabalhei em tulhas de algodão para beneficiar e em prensa com fardos que chegavam a pesar noventa quilos, se saísse com menos, era rejeitado. Foi nesse serviço que um belo dia aconteceu um fato que marcou minha vida: eu não sabia o que era sindicato e nem tampouco havia um naquele local, o que era líder e muito menos reivindicação, mas sabia que se eu trabalhasse, precisava ganhar, e me arrisquei a ir ao dono da usina pedir aumento. Imaginem o que aconteceu...

Eu, aquele cara franzino, raquítico e abusado, entrar na sala do dono da usina só de shorts para pedir aumento de salário. Ouvi a seguinte frase: "olha aqui, meu caboclo, você é um menino e tá cheio de pai de família querendo seu lugar". Confesso que não entendi nada; mas, quando voltei, o encarregado da sessão, que era meu cunhado, me chamou e disse: "seu Coelho me ligou e disse que se você começasse causar problema, mandasse embora", para mim tudo normal, eu não sabia o que era luta de classe. Até que resolvi mudar tudo, surgiu um trabalho em uma farmácia e foi meu motivo para largar de trabalhar no pesado, coisa que fazia mais não gostava, e quem gosta? Fiquei naquela farmácia até ir para o exército, foi o complemento e, por que não dizer, o ponto determinante de toda minha carreira como profissional de enfermagem. Naquela época, se você soubesse ler e escrever, era o suficiente para se profissionalizar, foi o que aconteceu comigo.

Em doze de Janeiro de 1964, incorporei no exército e, em trinta e um de março, estourou a revolução, golpe civil-militar, cuja notícia chegou para nós

em primeiro de Abril. Estava no extremo norte do Ceará, divisa com o Piauí, cidade por nome Crateús, lá se instalara o 4º BEC- Batalhão de Engenharia e Construção, onde por doze meses servi, com mais um ano de curso em Fortaleza, como profissional de Enfermagem. Foi no exército que aprendi ser cidadão, aprendi que existem outras maneiras de se viver. Diga-se de passagem, eu não sabia diferenciar o que era viver, sobreviver e sobrevivência. Sejam sinceros, foi lá que aprendi esse diferencial tão importante. Mas, voltando a *que trabalhador sou eu*, passei todo ano de 64 em Crateús, onde servi no hospital do exército como padioleiro, ou seja, auxiliar de enfermagem. Concluí o curso de padioleiro, equivalente, hoje, ao grau de técnico em enfermagem, só que a formação militar não valia nada aqui na vida civil, e assim foi minha iniciação como profissional de enfermagem. Quase que fico no exército, por pouco, terminando o tempo tivemos todos que dar baixa, e assim o fizemos, todos contentes por ir embora. No dia seguinte, o capitão médico responsável pelo hospital veio informar que havia chegado a ordem para promover cinco soldados a cabos na área de saúde, só que os quatro soldados que estavam servindo no hospital já haviam pedido baixa, não tinha como voltar atrás, teriam de esperar outro contingente para preencher as vagas.

Um parêntese para dizer que minha vida não foi só trabalho: desde os dez anos comecei a namorar, aos treze já frequentava o cabaré; sempre tive amigos adultos em minha infância, o que foi muito importante na minha formação como ser humano e cidadão. Dancei muito entre os quatorze e vinte e dois anos, até quando parti para São Paulo.

Esse é um resumo de minha vida como trabalhador em terras cearenses. Uma vez retornando do exército, não conseguia viver sem pensar em ir embora para São Paulo, pois os sargentos de nossa formação diziam que em São Paulo nós teríamos emprego garantido. Eu passei a viver com esse peso; não tinha dinheiro para vir para São Paulo, foi muito difícil e emblemático como consegui um pouco de dinheiro para viajar.

Essa história não é ficção, é verdadeira. Meu irmão mais novo tinha um rádio que eu peguei e vendi por vinte cruzeiros, com o consentimento dele, é claro. Foi com esse dinheiro que viajei. Aos seis dias de novembro de 1966, juntamente com um amigo de infância que tinha seis cruzeiros que juntando com meus vinte daria vinte e seis cruzeiros, foi com esse dinheiro que viajamos. Pegamos o trem em Senador Pompeu, às 8h da manhã, e partimos para Recife, com baldeação na cidade de Souza da Paraíba, com previsão de chegada em Recife por volta das 10h da noite. Chegamos em Recife com mais ou menos uns quatorze cruzeiros, procuramos uma pensão e dormimos aquela noite. A partir do dia seguinte, começou o que nós não havíamos imaginado; alias, nós não imaginamos nada, decidimos partir e assim fizemos. Eu, com os conhecimentos que tinha adquirido no exército, imaginei que ia ganhar o mundo. Na verdade, o mundo é muito diferente de tudo que você possa imaginar quando está só e sem recursos. O mundo não é claridade e alegria, na verdade, é escuro e carrancudo; portanto, o que você vai enfrentar é essa escuridão e muita

carranca. É você que tem que transformar tudo isso em um mundo real, ou seja, muita clareza e alegria. Ao acordarmos, na cidade de Recife, capital pernambucana, olhamos um para o outro e perguntamos: “o que vamos fazer?”. Não tinha nada em mente, até porque, nosso destino era São Paulo, e não Recife. Dois jovens sem nenhuma experiência de mundo, sem um centavo de cruzeiro no bolso, que rumo tomar? Não tínhamos essa resposta. Tudo isso, ainda na pensão em que dormimos; tomamos o café da manhã, a única refeição garantida, conversamos com a dona da pensão, explicamos nossa situação e deixamos nossas coisas, ali até que arrumássemos um local para dali retirá-las. Com essas condições acordadas, saímos daquela pensão sem saber para onde ir. Perguntamos onde ficava a estação rodoviária e seguimos para lá. Chegando, pedimos informações sobre possível carona para São Paulo, recebemos um não e um aconselhamento: vocês dificilmente vão encontrar essa ajuda. Perguntamos onde ficava a quarta zona aérea, nos informaram e partimos para lá. Chegando, procuramos o setor de relações sociais, tudo isso eu havia aprendido no exército; ao perguntarmos se havia a possibilidade de nos dar uma carona até São Paulo, mesmo que fosse num avião de carga, recebemos novamente uma negativa. É claro que não podíamos desistir, a quase setecentos quilômetros de distância, não tinha retrocesso, o pensar era um só, seguir, seguir e seguir.

Isso já era umas quatro horas da tarde, naquela situação elegemos um ponto de origem para nos encontrar, a estação rodoviária, uma vez que íamos nos separar na busca de trabalho. Voltamos até a rodoviária, sentamos em um banco e passamos a traçar um plano de ação, estávamos com muita fome, pois não havíamos comido nada. Na rua que desembocava na estação rodoviária, havia uma feira diária e permanente. Resolvemos ir a essa feira ver se achávamos algum resto de comida, e assim o fizemos. Chegamos em uma banca que comercializava pão sovado, suco e outros alimentos, ali paramos e contamos nossa situação. O dono nos deu um pão e um copo de suco, isso foi nosso almoço e janta. Meu colega que tinha certo conhecimento de mecânica de automóvel perguntou para o dono daquela banca se havia alguma oficina mecânica ali por perto, o senhor informou que sim e mostrou onde ficava, ali bem perto. Fomos lá e meu colega de imediato já ficou trabalhando e dormindo no local. O problema dele parecia resolvido, combinamos que nosso ponto de encontro era o mesmo, a estação. Despedi-me e fui embora, para onde? A estação, é claro! A essa altura, já era quase noite, retornando à estação, cansado, busquei um banco na tentativa de descansar um pouco e deitei. Nesse momento, chegou um guarda avisando que eu não podia deitar-me naquele banco da estação, só ficar sentado. Passei a dialogar com o guarda, mas ele me respondeu que era ordem; ele sentia muito, mas não podia me ajudar. Não tive outra alternativa a não ser aprender a dormir sentado por uma semana, tempo em que tivemos que ficar naquele lugar. Isso era uma segunda feira, eu não sabia fazer nada a não ser aplicar injeção e cuidar de pessoas. Procurei serviço em farmácia, não consegui. Cheguei a ir a um hospital, mas também

não consegui nada. Minha situação era muito precária. Roupas, eu só tinha duas mudas e uma tinha ficado no saco na pensão. Sem banho, sujo, imundo, como ia arrumar emprego? E assim se foram: terça, quarta e quinta feira. Comia o que me davam na feira, um pão sovado e suco. Mas, para minha sorte, quinta feira, em torno de meio dia, um cabo da aeronáutica, ao passar por mim sentado no banco da estação, parou e me perguntou por que todo dia ele passava ali e me via sentado naquele banco. Conte-i-lhe o que se passava; lamentou minha situação e me convidou para almoçar com ele na pensão onde morava. Aceitei e tomei até banho, só não troquei de roupa porque não tinha. Almocei arroz, feijão, farinha e carne; que maravilha, esse almoço! Me fez viver mais uns quinze dias sem me preocupar em morrer de fome.

Passaram-se sexta e sábado, em trono de duas horas da tarde, meu colega chegou e me disse: “vamos seguir viagem”. Perguntei-lhe como; “briguei na oficina e o cara me deu um dinheiro”. Fomos até a pensão, pegamos nossas coisas e partimos para a estação do trem. O dinheiro não dava para pagar a passagem até Maceió, mas um velho ditado diz que quem viaja sem dinheiro só vai até onde o pé do ouvido aguentar. Era essa nossa meta, ir até onde o pé do ouvido aguentasse. Como sempre, contando com a sorte, em torno de duas horas da madrugada chegou um casal com uma criança que vinha de Canindé, era de Sergipe, e tinha ido pagar uma promessa a São Francisco de Assis. Passamos a conversar e o homem ficou muito impressionado com nossa maluquice, nos aconselhou a voltar, dissemos que não podíamos, nordestino não pode desistir na primeira dificuldade. Conversa vai, conversa vem, ele decidiu nos ajudar, nos deu um valor que eu não lembro mais, mas deu para a gente pagar a passagem até Maceió e ficar com uns troquinhos de comprar banana.

Sáímos em torno de quatro horas da manhã de Recife e chegamos a Maceió em torno de quatro e meia da tarde. Começou novamente nosso drama para dormir em um lugar seguro. Ao desembarcarmos na estação de trem da cidade de Maceió, com aquele monte de apetrechos nas mãos, eu com um saco com uma muda de roupas, e meu amigo com uma malinha com duas peças de roupas; era tudo isso que nós tínhamos. Descemos do trem e fomos direto a um guarda que estava num canto da estação, perguntamos se podíamos guardar nossas coisas ali na estação. Resposta: não. Mas ele nos indicou um local ali perto, um enorme casarão que tinha sido sede da prefeitura. Isso era umas sete horas da noite. Um guarda gentilmente nos atendeu, pacientemente nos ouviu. Contamos nossa historia e ele, com a gentileza que nos atendeu, nos respondeu. Infelizmente não posso deixar vocês dormirem aqui, pois tem uma ordem expressa nesse sentido, proibido dormir nesse local. Nesse exato momento, aproximaram-se dois policiais que naquela época lá em Alagoas eram chamados de Cosme e Damião, o guarda explicou o que estava acontecendo e, em seguida, passamos a conversar. Perguntei se eles podiam nos conduzir até a delegacia para que nós pudéssemos dormir em segurança, de imediato um dos policiais falou para o outro: “leve eles até a delegacia”, pois se fôssemos sós corríamos o risco de ser presos. Assim, um dos policiais nos acompanhou

até a delegacia e nos apresentou ao delegado de plantão, homem de cara fechada, parecendo do mal, mas era do bem; nos ofereceu a sala de espera da delegacia para que nós dormíssemos. Pela manhã, muito cedo, em torno de cinco e meia, seis horas, levantamos, agradecemos e fomos embora. Toda minha roupa era duas calças e três camisas. Ao sair da delegacia, entramos em um posto de gasolina onde vendi uma camisa de linho que trazia, a melhor peça, e perguntamos onde ficava a rodoviária. Chegamos na rodoviária e fomos direto ao guichê de informações, perguntando se era possível obter uma carona em algum ônibus que viesse para São Paulo. Nos disseram que podiam nos por em um ônibus até o pau do guarda (era esse o nome dado ao posto da polícia rodoviária federal, onde um pau fica atravessado no meio da rodovia). Chegando ao local, descemos e fomos falar com o policial que se encontrava no posto naquele momento, perguntamos se ele podia nos ajudar com uma carona até aonde fosse possível, ele nos respondeu que não; e fez questão de explicar o porquê. Eles estavam proibidos de pedir carona para motorista levar alguém por motivo de assassinato. Alguns tempo antes, fizeram isso e foram cúmplices de o carona matar o motorista para roubar.

Não tivemos outra coisa a fazer, a não ser por o pé na estrada e caminhar, isso era umas dez horas da manhã. O dinheiro tinha acabado, ainda carregamos conosco umas poucas bananas, pegamos aquela estrada e nos pusemos a caminhar. Uma estrada que não tinha fim, em torno de meio dia comemos as bananas e ali acabou toda nossa alimentação, em uma casa na beira da estrada pedimos água e perguntamos se estávamos na estrada certa para São Paulo, fomos informados que sim. Seguindo nosso curso caminhamos o dia inteiro, lá para umas seis horas não tínhamos certeza, mas era ao anoitecer, na beira da estrada tinha uma grande jaqueira, que possibilitou que pegássemos uma jaca para nos alimentar, não podia ser mais pois não dava para ficar carregando muito peso, por isso ficamos com uma só que nos alimentou por dois dias; andamos mais um pouco, mas a escuridão era na estrada era assustadora, entramos em recuo de mata e por ali dormimos, eu tinha muito medo de ficar exposto ao mato, nunca fui de curtir mato, apesar de ser neto de índio. Muito cedo, seguimos nossa jornada, cada passo dado era um passo a menos para chegar a São Paulo, tudo isso no Estado de Alagoas, no segundo dia foi bem interessante, encontramos uma nota de um cruzeiro que para nós era um dinheiro, deu para dois cafés, ao chegar a noite novamente precisávamos dormir, pois estávamos cansados, sem comida e sem banho, a jaca já havia acabado, a escuridão da noite para mim era um terror, eu era muito medroso na noite, ao longo da caminhada vimos uma luzinha, era uma casa, chegamos batemos na porta sai um senhor com uma arma na mão e pergunta o nós queríamos, falei que não éramos ladrões e sim dois jovens necessitados, ele acreditou e pois a arma na cinta; nos convidou para entrar, nos ofereceu um café adoçado com rapadura e um pedaço de pão feito em casa, puxa que alívio, quem vinha comendo só jaca por dois dias foi um banquete; ele deixou que dormíssemos na sala, informamos que trazia nossas redes e ele aceitou que nós armássemos

para dormir, foi muito bom dormir bem naquela noite, nossas energias foram revigoradas, no dia bem cedo, novamente pegamos a estrada e caminhamos o dia inteiro, dessa vez sem comer nada. Bebemos água de um barreiro que tinha na beira da estrada, suja e com cheiro de mijo de cavalo, mas bebemos. Em torno de umas duas horas, imagino por que não tinha relógio, só imaginação; a estrada se bifurca, pegamos a esquerda da bifurcação, e andamos até a noite. Lá para umas tantas da noite chegamos em um casarão dentro de um canavial, era uma grande fazenda de cana de açúcar, batemos e saiu um senhor que nos atende e pergunta o que queremos, respondemos que queríamos trabalho, ele pergunta o que nós sabíamos fazer, respondemos qualquer coisa, ele deu uma risada e nos deu em seguida um puxão de orelha, dizendo que ali naquela fazenda não tinha trabalho para aventureiro; tive que me posicionar, pois tinha saído do exército com algum conhecimento para ser aplicado em momentos difíceis, e assim o fiz. Informei que não éramos aventureiros e sim trabalhadores em busca de oportunidade para crescer como cidadão. Ouviu-me e disse “tá bem, vocês sabem cortar cana”, respondemos que sim, eles nos retruca dizendo “no pé e na ponta para chupar”, não teve resposta, pois não tínhamos outra chance; chamou um capanga e o cara pois um litro de farinha em saco de pano, umas bananas e um pedaço de charque ( um tipo de carne jabá) e nos deu, e disse “amanhã cedo eu vou levar vocês ao trabalho que irão desenvolver”.

Ao lado do casarão havia um grande galpão de madeira coberto com folhas onde dormia a peãozada, armamos nossas redes e fomos dormir. Antes, perguntamos se tinha água, ele nos mostra uma cabaça com a água e uns canecos de alumínio sujos e fedorentos, a água era quente e salgada, mas era o que tinha; bebemos a água e fomos dormir, mais ou menos duas da manhã o dono do casarão levanta liga o motor de um caminhão e sai. Um seis horas, chega o capanga e nos leva até o outro lado do canavial. Sempre contando com a sorte, a estrada que pegamos no dia anterior ia para São Miguel, uma cidade do Estado de Alagoas, deixando a pista da direita que ia para São Paulo. Mas a sorte fez a correção, nos levando a margem estrada certa; o capanga mediu um pedaço de terra e disse se nós carpíssemos aquele tanto, íamos ganhar um x valor, o que não dava para pagar o que eles iam cobrar por aquela farinha que nos venderam; ao sairmos do casarão ele nos deu uma enxada para cada, a expectativa era que nós conseguíssemos carpir tudo aquele pedaço de terra que ele demarcou, não conseguimos carpir talvez um décimo do demarcado, umas oito /nove horas, não sei, comemos aquelas bananas com a farinha pois a carne não dava para comer era muito salgada. Tentamos, deu uma sede insuportável e não tínhamos água, tinha umas mulheres carregando umas latas d'água na cabeça pedimos um pouco elas disseram que aquela água era comprada e elas não nos ia dá água não. Conclusão, largamos tudo e fomos embora, já com a devida combinação de fugir de madrugada, na hora que o senhor saísse para a usina. Ao chegar fomos abordados pelo o senhor do engenho por que havíamos voltado, explicamos que não tinha água para beber, ele



disse muito bem amanhã vocês levam água. E assim aconteceu, durante o dia procuramos um barreiro com uma água suja, ou seja barrenta, para tomarmos um banho; hoje fico me imaginando se tomei banho ou me sujei mais. Bom, de madrugada o senhor saiu para o engenho e nós pegamos nossas redes deixamos a farinha do sr. Pendurado em gancho do barraco e fomos embora, e fugimos. Não tínhamos alternativa, pegamos o mesmo caminho que o capanga fez com nós até chegar no outro lado do canavial e entrar na pista que dava caminho para São Paulo, caminhamos toda a madrugada, cada barulho de carro nós nos escondíamos pensando que o fazendeiro viesse atrás de nós. Lembram-se daquele um cruzeiro, que achei na estrada, pois é, ele foi útil ali, naquele momento, ao clarear do dia chegamos em uma cidade Itabaiana, que por sinal em setenta e dois quase foi destruída com a cheia do rio que margeia. Ao entrar na cidade, tinha um barzinho aberto onde pedimos um café; ali falamos de nosso destino e o senhor do bar nos disse olha lá no posto tem um caminhão de São Paulo, fomos direto para o posto e ficamos esperando que o motorista acordasse, pois estava dormindo.

Umás oito horas mais ou menos, o motorista a porta do caminhão e desce, tentamos conversar com ele mas não deu atenção, com sua escova presa aos dentes, foi escovar seus dentes e ao voltar perguntou nos o que queríamos, passei a explicar nosso destino ele nos chamou de doidos, malucos e que não tinha como nos ajudar, implorei, implorei dizendo que em qual quer lugar que ele nos deixasse já estava muito bom, qualquer passo era um que andássemos era um passo a menos. Meu colega se posicionou como mecânico e ele uma cara de deboche com ele, "você moleque é mecânico?". Ele simplesmente saiu foi conversar com o pessoal do posto e voltou com uma proposta, se nós carregássemos o caminhão dele com os ossos de um matadouro ao lado ele nos levava até a divisa de Sergipe. Esses ossos ele ia levar para Mogi da Cruzes para fazer adubo, topamos na hora, ele encostou o caminhão e nós entramos dentro de ossos de todos os tipos, isso ficava a beira daquele rio que falei lá atrás, esse local já tinha algum cheiro de osso podre, não importava o que tinha ali, na verdade é que em menos de três horas deixamos o caminhão até o teto de ossos, enquanto nós carregávamos o caminhão ele foi no centro da cidade e trouxe uma garrafa de café com leite uma maia dúzia de pão com manteiga, lavamos as mãos e fomos comer, ai sim comemos gostoso, e com vontade, depois de tantos dias sem comer foi um enorme alívio, mesmo que ele não nos levasse já tinha valido apenas, pois havia sanado a nossa fome.

Terminado o carregamento, ele pede que nós tomássemos um banho e trocasse de roupas, explicamos para ele que banho nós íamos tomar mais roupa não tinha para trocar. Tudo bem, entramos na boléia do caminhão e seguimos viagem com aquele santo motorista. Aquela viagem, durou em torno de dez/doze dias, não tenho certeza, mas ele nos trouxe até São Paulo. Aqui começaria uma outra história.